

## CONSCIENCIA ESPACIAL

ARMANDO CORREA DA SILVA  
Prof. Titular do Depto.  
de Geografia da Facul-  
dade de Filosofia, Le-  
tras e Ciências Huma-  
nas da Universidade de  
São Paulo.

## Introdução

A primeira referência a esse tema encontra-se em minha Tese de Doutorado, datada de 1974 e publicada pelo Instituto de Geografia do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Na época, já preocupado com questões de Teoria do Conhecimento em Geografia, buscava, então, uma solução para o que seria o modo de pensar do geógrafo. A análise descritiva que, naquela ocasião, fiz de uma pequena porção do território paulista, o chamado Litoral Norte de São Paulo, trabalho exaustivamente empírico, implicava, por consequência a elaboração da teoria correspondente, o que elaborei depois com o título de "Uma Proposição Teórica em Geografia", publicado pelo mesmo Instituto e, mais tarde, pela revista Contexto, com o título "A Explicação Teórica em Geografia".

Na Tese procurei, geneticamente, uma explicação para o que seria a formação de uma região periférica dentro de um mesmo país, resultando daí a identificação de um problema e sua respectiva dissertação teórica.

Vindo para a Geografia oriundo de um curso de Ciências Sociais, realizado de 1960 a 1963, pela mesma

Faculdade e Universidade, fiquei perplexo com o descritivismo que existia abundantemente no Departamento de Geografia e que, então, chamava de empiricismo, ou seja, o inverso do Curso de origem, onde imperava o teoricismo.

Como aconteceu com muitos colegas de formação universitária não geográfica preocupei-me desde logo com objeto e método da Geografia como uma disciplina particular. Essa preocupação está expressa na Introdução da Tese de Doutoramento.

Tendo originalmente trabalhado com o conceito marxista de totalidade, defrontei-me com a questão do recorte epistemológico que se fazia na época de caráter corporativo: cada disciplina, antes reunidas numa só visão de mundo, era uma estrutura à parte. E preciso que se diga que não me interessou a solução sistêmica (sub-sistema) e, por isso, elaborei o conceito de subtotalidade, porque com isso resguardava o caráter cognitivo da explicação.

Assim, tornava-se possível, uma ontologia do espaço geográfico, o que implicava na exploração da questão, até então imperfeitamente formulada, da praxis correspondente: qual o sujeito em Geografia?

Tratava-se de uma postura, na época, ligada a uma militância acadêmica, numa disciplina dividida em Geografia Física e Geografia Humana. No primeiro caso, falava-se em "ação antrópica" para referir-se à ação humana na superfície da Terra. No segundo, o problema não estava resolvido, pois buscava-se na Sociologia a solução. Daí, a pergunta: qual é

O sujeito em Geografia, principalmente levando-se em conta que não podia ser um homem natural que não existia?

Esse foi o ponto de partida de minhas preocupações gnoseológicas.

#### Em Busca do Sujeito

Lecionando um Curso de Geografia da População, categoria esta então central na análise, trabalhei com a idéia da população como sujeito, uma solução não sociológica nem geográfica tradicional, quando a população era tratada segundo suas características demográficas.

Resolvi, então elaborar algo que fosse um princípio de solução, escrevendo uma introdução a uma Seleção de Textos, publicação da Associação dos Geógrafos Brasileiros em que discernia, ao nível epistemológico, quatro modalidades analíticas de sujeito: o sujeito psicológico (tal como tratado pela Psicologia), o sujeito cognoscente (tal como tratado pela Filosofia) - sujeitos individuais - o sujeito coletivo (tal como tratado pela Psicologia Social, Sociologia e Antropologia Cultural) e o sujeito histórico (tal como tratado pela Filosofia Social) - sujeitos sociais.

Sabia que teria que encontrar um parâmetro unificador para lidar com essa complexidade.

Para isso socorri-me da tendência que havia surgido dos estudos de percepção do espaço, com o que introduzia na análise geográfica a dimensão subjetiva.

#### Ontologia Analítica

Nessa fase, a discussão sobre o espaço, introduzida por Milton Santos em 1978 (Por Uma Geografia Nova) já estava adiantada. Eu, lidava, então com o ontológico de Lukács e de Hartmann, clássicos desse assunto. David Harvey em seu A Justiça Social e a Cidade, no item "A Natureza do Espaço" me ajudou muito, pois, apoiado na noção explícita de espaços contidos em espaços que se relacionam por suas relações, conseguia tratar da realidade contemporânea. Foi quando escrevi um texto sobre Geografia e Método intitulado "A Aparência, o Ser e a Forma". Foi o momento de transição entre a herança marxista-leninista do passado e a abordagem que procurava para dar conta da complexa realidade contemporânea, tão bem expressa na discussão recente sobre modernidade e pós-modernidade.

#### Geografia e Mudança Cultural

Neste momento sinto-me em condições de esboçar alguma coisa sobre consciência espacial. E o que se segue:

O que é pensar espacialmente? Como isso é possível?

Em primeiro lugar, trata-se de abandonar de vez o historicismo como paradigma.

Em segundo lugar é preciso encontrar uma solução para a questão do tempo em Geografia.

Tenho um ponto de partida empírico para o problema: o tempo de percurso. Este, não é histórico, pois é um fluxo no qual estão imersos os agentes e o meio de

locomoção. Uma coisa é a história, ou estória, da viagem; outra é o movimento no espaço.

De que natureza é esse movimento e o que significa, em primeiro lugar, perceber a espacialidade dos vários objetos e pessoas, móveis e imóveis?

Trata-se, então, de refletir a percepção.

Ora, pensar a percepção é dar conta das esferas do conhecimento geográfico a começar pelo espaço.

Fazendo uma metáfora, não se trata de "pensar quadrado", mas de "pensar redondo". Que Geometria é essa?

Em outras palavras, qual a natureza dessa abstração?

Posso dizer que o vazio e os corpos são a manifestação da existência do espaço, do qual só percebo a espacialidade, um seu atributo.

Mas, até aqui, trata-se do espaço desabitado.

Ora, o que a Geografia estuda é uma situação, porque tempos e espaços presentes simultaneamente.

Eis o ponto a considerar. E as pessoas que dão vida a essa situação?

Então, não há como não considerar o cotidiano, e com ele a consciência da situação que não é alheia ao perceber, digo, ao olhar, ver, enxergar, observar.

Então, o espaço tem um significado para mim e para os outros.

Por isso, a pergunta: o espaço é o que é? ou o espaço existe para mim e para o que experiencio como espacialidade?

Também não posso ignorar o sentir, ou, dito de outra forma, a situação é sensibilidade e valores.

Para mim, então, a Geografia é uma ideologia do cotidiano, o que me coloca desde logo como sujeito da ação, embora eu, se tenho o controle, posso decidir, o que é um ato de liberdade numa configuração espacial.

Por falar nisso, enquanto viajava espacialmente esqueci onde coloquei meu carro.

O que fazer? Aterrissar.  
 tradicional: a paisagem. Chamá-la agora de meio técnico científico informacional implica em considerar a mudança cultural e o significado semântico e semiológico.

A linguagem, enquanto consciência prática, materializa-se na palavra, sem deixar sua característica de signo, o que implica na imagem e sua representação.

O que mudou, em termos de valor?

#### O VALOR EM DISCUSSÃO

O valor existe em si ou é atribuído pelo ser-no-mundo?

Se o ser existe em si, como argumenta Heidegger, existe fora do ser-no-mundo, e tudo parece remeter a questão do sujeito a consciência como ente abstrato.

Existiria, assim, um valor-em-si e um valor-no-mundo. Mas, como considerá-lo? Apesar do valor ser algo a